

DINASTIA XIA: A AURORA DA REALEZA CHINESA

Ricardo Joppert*

O presente trabalho resulta basicamente de contatos pessoais do autor com especialistas do Museu de História Nacional (Zhongguo Lishi Bowuguan) de Pequim (Beijing) e do Museu Provincial do Henan (Henan Sheng Bowuguan), em Zhengzhou. Durante a visita do autor à China no verão de 1979, a convite do Departamento de Controle das Antiguidades Nacionais da República Popular Democrática da China (Guojia Wenwu Guanliju), foram organizados debates naquelas instituições com o objetivo de se discutirem os temas da transição matriarcado-patriarcado na China e do estabelecimento da dinastia Xia. No Museu de História Nacional de Pequim, encontravam-se, entre outros, os técnicos Song Zhaolin e Li Jiefang — dois dos três autores da excelente obra Jianming Zhongguo Lishi Tuce (História Concisa e Ilustrada da China), tomo I, Sociedade Primitiva — e Li Xijing. No Museu Provincial do Henan, em Zhengzhou, esteve presente o Sr. An Jinhui.

Um ponto de controvérsia entre arqueólogos e historiadores da China contemporânea e sinólogos ocidentais diz respeito à possibilidade de comprovar-se a existência da primeira dinastia real chinesa, a dos Xia (séculos XX a XVI antes de nossa era). No Ocidente, não se admite ainda que essa linhagem possa ser, com segurança, identificada através de restos arqueológicos; na China, especialistas em pré-história consideram que os vestígios materiais dos Xia podem ser distinguidos entre os dos horizontes culturais que antecederam e sucederam a dinastia Xia.

A nosso ver, essa controvérsia enraíza-se numa diferença fundamental entre o modo de pensar a vida no Oriente e no Ocidente: a China tem uma civilização monolítica na qual existe perfeita coesão entre alicerce e estrutura: o passado é, nesses termos, co-

* Professor de Língua e Civilização Chinesas do Centro de Estudos Afro-Asiáticos — CEAA.

conhecimento intrínseco que se transmite inconscientemente e coletivamente, e seus achados materiais são levados a encaixar-se, de modo natural, numa sequência evolutiva de que os chineses têm conservado a certeza, no recondito da mente, desde o início de sua civilização e que, por isso mesmo, fielmente registraram por escrito há milênios.

Assim, no período dos Zhou Orientais (-770 a -450), o filósofo Feng Huzi reconhecia, diante de utensílios de um tempo já, para ele, longínquo, que os antigos chineses haviam atravessado as idades da pedra, do bronze e do ferro.¹ No Ocidente, onde a filosofia básica segue uma linha dualista (dicotomia entre fundo e forma, entre Ser e Não-Ser), baseada em Aristóteles e no monoteísmo judaico-cristão, houve certamente um embotamento do inconsciente coletivo: a realidade perdeu-se através da fragmentação entre passado e presente a que se submeteu a mente ocidental por força de sua própria rota evolutiva. A China jamais se afastou da integralidade, que só pode existir no plano do intelecto-intuitivo; no Ocidente, o predomínio (sem o qual Descartes não teria existido) da razão sobre a intuição foi fatal, no que se refere à perda das origens.

A China contemporânea parece-nos mostrar perfeita consciência de que os textos que falam do passado foram escritos sob o impacto de uma tradição oral alicerçada num conhecimento do integral, inerente aos chineses e transmitido de geração a geração: a consequência disso é a crença arraigada de que a imaginação contou muito pouco na feitura de tais textos. A palavra escrita sempre teve, na China, um enorme valor: o passado é dinâmico porque se conserva no profundo da mente, e o texto tradicional é disso contrapartida. Dentro de um sistema filosófico que só admite a Unidade (Yi), o caminho natural é fundamentar-se na tradição para assimilar a verificação material. Essa tradição é, por conse-

quinte, viva e palpitante.

Nos últimos anos do século passado e nas primeiras décadas deste, a China passou por um verniz de ocidentalização que desviou seus intelectuais do processo indígena de investigação do passado. Li Ji, decano dos arqueólogos chineses da primeira metade do século XX, escreveu a respeito do surgimento de uma escola crítica de interpretação histórica moldada no ceticismo (decorrente da insegurança) da ciência (racional) do Ocidente: "O slogan 'Mostre sua prova', apesar de destrutivo por sua natureza, trouxe um espírito mais crítico ao estudo da China antiga; [...] o registro, por si só, não foi mais aceito como válido".²

Dentro da complexidade do espírito chinês, a posição é primária; denota uma tentativa de desvirtuar a natureza básica, intuitivamente organicista, da mente dos chineses. Mas cada descoberta arqueológica só confirmava a eficácia dos textos antigos. Por exemplo, os antigos bronzes que os ocidentais acreditavam pertencerem ao período Zhou (-1049 a -220) — cujas fontes históricas eram escritas — os chineses dividiam, por tradição, entre os Zhou e os Shang (-1557 a -1050) — provaram na verdade serem destas duas épocas, depois da descoberta de ossos inscritos usados para fins divinatórios e escavados em 1898-9, em Anyang, província do Henan. Tais ossos divinatórios estavam associados aos bronzes cujos tipos os chineses consideravam como Shang, mesmo antes da exumação da prova histórica escrita.³

A Civilização é encarada, no sistema chinês, como organicamente integrada num circuito fechado: cada microórgão reflete totalmente os demais e o próprio Macro-órgão: o tempo cessa, por assim dizer, de agir temporalmente, porque os acontecimentos sobrevivem a nível de inconsciente coletivo. Esse fato, espantoso que seja, representa um dado capital na explicação do fenômeno chinês, única das antigas Civiliza-

zações que continua a existir até hoje e
ciclicamente se renova.

Depois da Revolução de 1949, o caminho que têm seguido os historiadores da República Popular Democrática da China é o de procurar harmonizar a ciência moderna da arqueologia com a tradição dos antigos textos. Mostram-se, dessa forma, esses especialistas muito mais autenticamente chineses do que o foi a *intelligentzia* da primeira metade do século, a qual, por aceitar incondicionalmente o Ocidente, perdeu contato com os valores integrais da mente coletiva de seu povo.

A China jamais duvidou da existência dos Xia. O *Shujing* (*Livro da História*) — um dos mais antigos clássicos chineses, que forma uma coletânea de documentos históricos, dos quais os mais primitivos datariam do século XI antes de nossa era — consigna os "Anais dos Xia" (*Xiashu*), em quatro capítulos: "Tributo a Yu" (*Yugong*), "Jucapítulos em Gan" (*Ganshi*), "O Canto do Ramo em Gan" (*Wuzi zhi ge*) e "Expedição do Príncipe de Yin" (*Yinzheng*). O *Shujing* é fragmentário, mas seu relato é corroborado por outras obras, dentre as quais se destacam o *Shi* (*Livro da Poesia*), o *Yi* (*Livro das Mutações*), o *Chunqiu* (*Primavera e Outono*) e o *Zuo* (*Comentário de Zuo*).

O *Shujing* é fragmentário, mas seu relato é completado pelos de outras obras, dentre as quais as *Memórias Históricas* (*Shiji*), de Sima Qian (–145 ou –135 a –85), são fundamentais. Outros documentos são os *Anais sobre Bambu* (*Zhushu Jinian*) e a *Explicação do Clássico das Águas* (*Shujing Zhu*).

O *Shujing* representa o fundo comum da cultura chinesa, mas o trabalho de exegese do texto original é árduo. "Os Anais dos Xia", além de incompletos, foram provavelmente refeitos para que o texto se adequasse ao racionalismo confuciano de certas correntes da dinastia Han (-202 a 220). No *Shujing* consubstancia-se, já sobre os Xia, a "Teoria do Mandato Celeste" (*Tianming*), base de toda a Filosofia da His-

tória na China, segundo a qual o poder de todo governo resulta da Virtude ou Eficácia Realizadora (*De*) do fundador de uma dinastia. Essa Virtude é fruto dos méritos (*gong*) de um ancestral e, incorporada à casa dinástica, passa por um tempo de plenitude (*zheng*), a que se seguem relativa decadência e efêmera Ressurreição (*zhong xing*), esgota-se e finalmente se extingue (*mie*). Nesse ponto a dinastia deve ser suprimida, pois é incapaz de manter o equilíbrio entre as ordens natural e humana (indispensável num contexto essencialmente agrícola, com o da China).

A historiografia, na China, não constitui um registro seco de eventos e datas. Ao mesmo tempo, não se os fatos da História para deles tirar uma lição de moral. O papel do historiador é o de analisar o acontecido de acordo com o modo de pensar chinês: a Ciência da História identifica-se com a Filosofia da História, pois sempre interpreta o fato dentro do todo organizado do pensamento chinês.

Sabemos que a organização social dos primeiros chineses era de natureza essencialmente matriarcal. Escreveu Guo Moruo: "A sociedade dos clãs divide-se em duas fases sucessivas: o matriarcado e o patriarcado; dessas, o matriarcado é sua forma exemplar."⁴

O período matriarcal da sociedade chinesa consubstanciou-se na cultura neolítica de Yangshao, "primeiro estágio de uma população que já organizara parcialmente a subsistência em bases agrícolas. As aldeias não eram ocupadas em caráter permanente. A caça, a pesca e a coleta ainda eram importantes na vida diária".⁵ A cultura de Yangshao, cuja cerâmica se caracterizava por apresentar uma coloração vermelha, exemplifica-se tipicamente nas ruínas de Banpo, aldeia nos arredores da cidade de Xi'an, no vale do rio Amarelo, que data de 4100 a 3620 antes da nossa era.

A existência do sistema matriarcal é atestada nas lendas escritas. No que se re-

fere aos ancestrais dos primeiros governantes chineses, transmite-se apenas o nome da mãe e, não, o do pai. O sobrenome passava aos filhos através da mãe. O ideograma para sobrenome (*xing*) tem o radical "mulher" ao lado da palavra "nascer": "nascido (vin-do) da mulher". Os homens não tinham sobrenome; o máximo que recebiam era um nome pessoal (*shi*), derivado do local de nascimento ou de uma função, mas que nada tinha a ver com vínculos sangüíneos familiares. O sobrenome (*xing*) de Shen-nong, soberano mítico do neolítico, era Jiang; o de Huangdi (o Imperador Amarelo), mito representativo da passagem da sociedade à fase da ocupação urbana, era Ji; o de Shun, um dos Cinco Soberanos, era Yao. Os três caracteres da escrita (*Jiang, Ji e Yao*) levam todos o radical "mulher", o que é interpretado, na China de hoje, como indicativo de tratar-se do sobrenome materno (*xing*).

Por outro lado, as lendas referem-se sempre à união de uma mulher com um animal ou uma planta, como condição para o nascimento de uma estirpe nobre: para a fundação da dinastia Xia, uma mulher engole um grão de cereal (*Yirenmi* — uma espécie de sagu); para o da dinastia Shang, outra mulher absorve um ovo de pássaro; para a dos Zhou, uma mulher pisa na pegas de um urso.

Sítios neolíticos da cultura de Yangshao, como Banpo, Jiangzhai, Linyi, mostram uma organização centralizada na figura da mãe: era em torno dessa que se enterravam os filhos, na idéia de que, após a morte, tudo deveria continuar como em vida. Tais aldeias neolíticas abrigavam grupos sociais cuja existência era inteiramente pública (*gong*): vivia-se, trabalhava-se em conjunto, e em comum eram tomadas as refeições. Inexistiam, na época, as lutas de classe, e a idéia de família era muito diluída, se comparada com a de tempos posteriores.

Um outro ponto de referência para a comprovação do matriarcado da China antiga são as minorias raciais do curso superior do rio Yangzi, minorias do sul, mas que foram influenciadas pela civilização autóctone do vale do rio Amarelo (*Zhongyuan*) e dela guardaram certas tradições dos primórdios. Na chamada área nuclear (*Zhongyuan*) da China setentrional, a crescente evolução econômica alicerçada na agricultura aumentou o papel do homem na vida social; no sul da China, essas minorias, carentes do mesmo nível de desenvolvimento, não tiveram as razões que impeliaram o *Zhongyuan* a substituir o matriarcado pelo patriarcado.

Uma lei fundamental da vida é a de que a sociedade progride de acordo com a economia: quem trabalha detém o poder. Assim, no início as mulheres colhiam os grãos de cereais e os homens caçavam. A caça era subsidiária no seio de um povo fiel à vida agrícola, como sempre o foram os chineses. Pouco a pouco cresceu o instrumental agrícola, e o homem dele se valeu para predominar como elemento social: o marido desapossou a esposa do governo, e o filho mais velho, a mãe. O artesanato e a metalurgia, atributos do homem, deram o golpe de misericórdia à velha ordem matriarcal: os homens passaram a trabalhar mais e as mulheres, a ocupar posições cada vez mais subalternas.

Nas minorias raciais da China Meridional, tais como os Moso do Yunnan, os Miao, os Zhuang, os Tong, os Buyi e os Yi, os traços do matriarcado mostram como deveria ser a China do norte, no neolítico de Yangshao. Entre os Moso a figura da mãe é suficiente para impedir uma guerra; todos os habitantes inclinam-se diante de uma Deusa-Mãe que mora numa montanha; a vida sexual é inteiramente livre e regida pela mulher — a adolescente torna-se adulta após uma cerimônia de iniciação aos 13 anos, e sua mãe lhe dá, então, um quarto

privado, onde, à noite, ela tem o direito de receber um amante, que deve partir à aurora. No divórcio, a mulher fecha a porta ao amante e eis tudo. A herança passa da mãe à filha. Em certas épocas do ano, os jovens de ambos os sexos encontram-se nos campos para o amor livre.

Tais costumes encontram eco na mais antiga coletânea poética chinesa, o *Shijing* (*Livro das Odes*) (séc. —VIII), onde determinadas páginas revelam “uma poesia de ‘imitação popular’ (Maspero), baseada no ritmo e em temas de jovens camponeses em festas sazonais”⁶:

“Transbordantes correm agora os rios
[Zhen e Wei;

Rapazes e moças neles colhem
[nenúfares . . .

Ela pergunta: ‘Procuraste bem?’
Ele responde: ‘Sim . . . vamos procurar
[mais?’

‘Além do Wei, há espaço livre e . . .
[prazer!’

Ambos irão alegrar-se;
A flor da peônia um ao outro
[ofertará . . .”

(Poema 95)

Desse modo, os textos tradicionais, que apresentam a China dos primórdios como uma sociedade integrada no sistema patriarcal, encontram apoio na arqueologia e na etnologia. No contexto *sui generis* do fenômeno civilizatório chinês, a ciência ocidental! é instrumento (*Yong* — aplicação externa) de uma Tradição Nacional, suprema, porque é viva e é Substância (*Ti*) da mente do povo.

A evolução da vida material aumentou a importância do homem na sociedade e há aproximadamente 5.000 anos o “governo despótico da mãe” (Engels) foi derrubado. O patriarcado resultante da perda de influência da mulher na sociedade materializou-se, na China, na chamada Cultura de

Longshan, de cerâmica caracteristicamente negra, com peças de textura fina, bem cozidas, lustrosas e sem qualquer pintura. A Cultura de Longshan, que apresenta inúmeros subtipos, ocupava o solo em caráter permanente.

“A existência de muitas muralhas de terra batida (*hangtu*) sugere maior necessidade de fortificações e um crescimento das lides guerreiras. Os enterros mostram uma estrutura social marcada por classes. A concentração de artefatos de jade em certos locais isolados confirma a existência dessa diferenciação social.”⁷

O neolítico de Yangshao e de Longshan representam, para o historiador chinês, o ponto final da chamada “sociedade primitiva” (*Yuanshi Shehui*), caracterizada por clãs que cada vez mais se uniam em virtude de laços consanguíneos. Essa sociedade por clãs foi, conforme o vimos, de natureza patriarcal numa primeira fase e patriarcal num segundo tempo. A “sociedade primitiva” ter-se-ia estendido até os séculos XXI e XX antes de nossa era. Gradualmente, a China passou a ter uma organização político-social baseada em alianças entre tribos, uma espécie de confederação dos grupos que viviam na região do vale do rio Amarelo. Os chefes tribais reuniam-se em conselho para discutir e decidir o que fosse importante na vida da confederação. A “sociedade primitiva” sofreu um processo de transformação que culminou numa sociedade escravagista, segundo a tese da História na moderna China. O início desse tipo de sociedade coincidiu justamente com a fundação da dinastia Xia.

O *Shujing* (*Livro da História*) dá-nos o relato dos acontecimentos do período imediatamente anterior ao estabelecimento dos Xia. Trata-se do governo de chefes tribais que eram eleitos, como Soberanos (*Di*), nos referidos conselhos deliberativos da confederação. Foram eles em número de cinco, mas só os dois últimos, Yao e Shun, apare-

cem no *Shujing*.

Um fator encaminhava o destino de determinado chefe tribal para o papel de soberano: sua capacidade de, compreendendo o mecanismo universal da vida, garantir o sucesso da agricultura, meio de subsistência que alicerçava toda a filosofia da confederação e a distinguia dos "bárbaros" a ela não-pertencentes, vizinhos nômades que viviam do pastoreio. Pois ser chinês sempre foi sinônimo de agricultor, muito mais do que de representante desta ou daquela raça. Na agricultura, o básico é que Homem e Universo se inter-relacionem: para tal, o conhecimento do processo cíclico da Natureza é indispensável. Misticismo torna-se, então, vida prática; e os primeiros chefes tribais detinham, assim, o saber do ritmo da existência: justamente em razão dessa competência elegiam-se Soberanos.

É no contexto dessa confederação, inserida num incipiente sistema patriarcal, que surge o modelo do governante chinês de todos os tempos: aquele que sabe organizar o espaço geográfico e, conhecendo intuitivamente como agir diante das leis da Natureza (o pensamento chinês enfatiza o espontâneo — *ziran*), tem a capacidade de regular os fenômenos da terra (*Tianshi*), porque conhece o mecanismo dos fenômenos celestes (cósmicos: *Tiandao*); aquele, enfim, que soluciona os problemas dentro da noção de um Universal Equilíbrio (*Jun*). Então, como agora, o carisma era exigência fundamental para que se governasse a China.

A China do final do neolítico sofria as inundações do rio Amarelo (*Huanghe*), que, por correr muito carregado de sedimentos, constrói, em seu curso inferior, diques naturais e um leito situado a uma altura maior do que a das planícies em ambas as margens. Como o leito se levanta cada vez mais entre tais bordas semelhantes a diques, o rio termina inevitavelmente por romper suas fronteiras e por buscar, esten-

dendo suas águas, um leito colocado em nível mais baixo. Como resultado, a desembocadura muda frequentemente de lugar, causando extraordinários estragos às populações ribeirinhas.

Num Conselho da confederação, Yao, Soberano por eleição, consultou os demais chefes sobre quem deveria ser encarregado do governo das águas do rio Amarelo. Todos indicaram um certo Gun. A princípio, Yao discordou da escolha, mas finalmente resignou-se a aceitá-lo. Em seguida, Shun foi eleito sucessor de Yao. Gun tentou dominar o rio Amarelo durante nove anos, mas o método que empregou era o de construir diques para bloqueá-lo (*dusai*).⁸ Vinda a inundação, as águas "ultrapassaram as barragens" (*chongkua diba*)⁹ e causaram ainda maiores estragos aos povos marginais. Shun condenou Gun à prisão perpétua por isso. Em seguida, Shun escolheu Yu, filho de Gun, para continuar a tarefa de governar as águas do rio. Diz-nos Sima Qian¹⁰: "Shun deu esta ordem a Yu: 'Regereis as águas e as terras; pensai somente em fazer todo esforço nesse sentido'."

Absorto na tarefa, Yu passou 13 anos fora do lar. "Quando passava pela porta de sua casa, não ousava entrar (*ib*). Restringiu as vestimentas e a alimentação; sua dedicação à causa pública foi absoluta. Abandonando a idéia do pai, de conter as águas do rio pela construção de diques, empregou o método de canais, dando livre vazão (*shudao*) à massa líquida. Respeitada a lei natural de que um rio deve correr livremente, o problema das inundações cessou de existir. Encaminhado em rumos certos, o rio foi dirigido para beneficiar o povo, sem ser violentado. Gun tentara controlar as águas e falhara; Yu governou-as e teve sucesso. Aquele agira contra a natureza das coisas; este compreendia-a. A eficácia de um homem é função direta de sua compreensão do mundo; o sucesso é consequência da adequação da teoria à prática

pela vivência do Real.

Por sua sabedoria, Yu tornou-se digno de governar a confederação chinesa: na velhice de Shun foi unanimemente escolhido seu sucessor. A História cognominou-o Yu, o Grande (*Da Yu*). "Sua voz era o padrão dos sons; seu corpo, o padrão das medidas de comprimento; as medidas de peso dele derivavam."¹¹ Num só homem, representante mítico de uma sociedade, refletia-se o equilíbrio (*Jun*) do Universo. Imbuído de sua própria conscientização das chaves da vida, a China do final do neolítico consolidava-se como civilização através da autoafirmação de todo o povo: Yu é o símbolo de um grupo social que acreditava em si próprio e no que fazia.

A tribo de Yu chamava-se Xia. Quando chegou o momento da sucessão, os chefes da confederação decidiram que seu filho, Qi, iria substituí-lo. O sistema de governo te eleito por votos foi assim transformado em monarquia hereditária, e a realeza desse modo criada tomou o nome do clã de Yu: dinastia Xia, a primeira das três casas reais que antecederam o Império Chinês.

Dinastia Xia: cronologia, lista de reis, capitais

O historiador Sima Qian defende, para o começo do reinado de Yu, uma data equivalente ao ano de 1989 antes de nossa era.¹² Segundo ele, a Casa de Xia teria reinado durante 471 anos, sob a responsabilidade de 17 governantes. Ban Gu (32 a 92), um dos autores da *História dos Han Anteriores* (*Qian Hanshu*), escolheu adotar um outro sistema cronológico. Considerou o início da dinastia em -2205 e deu-lhe uma duração de 439 anos. O sistema de Sima Qian é preferível, por ter sido confirmado pelos *Anais sobre Bambu* (*Zhushu Jinian*), descobertos em 281 (posteriormente à época de Sima Qian, que não pôde consul-

tá-los).

O território dos Xia estendia-se pela região oeste da atual província de Henan e pelo sudoeste da província de Shanxi, chegando à confluência das três províncias atuais do Henan, Hebei e Shandong.¹³ O coração do povo Xia era a região de encontro do rio Amarelo com o rio Luo. A capital de Yu — Yangcheng — ficava ao sul da montanha Song — antes chamada Chong (Montanha da Reverência) —, daí ser esse também conhecido como Yu, de Chong. Taikang, o terceiro rei, residiu em Zhenxun, a noroeste da montanha Song, na parte leste da planície de Luoyang. Uma outra região que congregava o povo Xia era o sul da atual província de Shanxi, principalmente nas vizinhanças da moderna Yicheng, a leste do rio Fen. Esse local foi mais tarde chamado de "Ruínas de Xia" (*Xiaxu*), mas a arqueologia ainda não pôde até agora precisá-lo exatamente. No final da dinastia, sob o reinado de Jie, o domínio dos Xia estendeu-se até a região oeste da atual província de Henan. Jie igualmente teve sua capital em Zhenxun. Por isso, as gerações posteriores costumavam dizer que "o território de Jie dos Xia tinha o rio Amarelo e o Qi à esquerda, a montanha Hua à direita, o rio Yi ao sul e Yangchang ao norte".¹⁴ Assim, a área de governo e influência dos Xia ter-se-ia estendido de ambas as margens do rio Amarelo até o vale do Yangzi (Changjiang).

A arqueologia da República Popular Democrática da China vem concentrando as escavações nessa área tradicionalmente atribuída à dinastia Xia. As pesquisas no sítio de Erlitou, na cidade de Yanshi, Henan, trouxeram à luz as ruínas de um palácio que cobre 10 mil metros quadrados. A porta central do lado sul dá para um pátio rodeado de galerias cobertas. Atrás do sítio fica um salão com 30 metros de comprimento e 11 de largura. Os quatro lados do

telhado descem em beirais salientes que são apoiados por colunas. Trata-se da mais antiga construção palaciana da China.

As escavações em Erlitou revelaram quatro camadas estratigráficas. O palácio encontra-se na terceira camada. Os vestígios mostram que, à primeira camada estratigráfica, antecede-se, na região, a cultura neolítica de Longshan. Quanto às quatro camadas de Erlitou, as opiniões divergem: alguns especialistas crêem que as duas primeiras camadas pertenceriam à dinastia Xia e as duas últimas, ao primeiro período (fase Erlitou) da dinastia Shang (—1557 a —1050). A dinastia Shang corresponde à Idade do Bronze na China. Os objetos (bronze, pedra, cerâmica) atribuídos aos Xia têm certas analogias com os da Cultura de Longshan e com os da dinastia Shang, mas um certo número de características próprias são suficientes para estabelecer a existência de um horizonte cultural definido (o dos Xia) entre Longshan e os Shang: aos Xia atribuem-se objetos de cerâmica negra, de corpo espesso, com pouca tempore, com os seguintes motivos específicos:

- motivo dos galhos da orquídea (*Lantiao Wen*) — estrias verticais ligeiramente oblíquas para a direita;
- motivo do tabuleiro de xadrez (*Fangge wen*) — padrão feito de quadrado;
- motivo da corda fina (*Xisheng wen*).

Os objetos dos Xia teriam três pés, interligados ou não por hastes, caracteristicamente foliformes, muito largos, que lembram uma figura trapezoidal (*Sanzu qi*). O sítio de Luodamiao (Xia tardio — cerca de —1600) é particularmente rico em objetos desse tipo.

Que a primeira e a segunda camadas de Erlitou pertencem à dinastia Xia não há dúvidas na China de hoje, segundo o afirmam as autoridades do Museu de História Nacio-

nal de Pequim. As divergências são a respeito de onde terminaria a sequência arqueológica dos Xia no importante sítio. Erlitou tem sido considerado como o local da primeira capital dos Shang.

Já Wang Guowei, pesquisador do início do século, que muito fez na decifração dos ossos divinatórios descobertos em Anyang, considerava que, em Erlitou, se teria erguido Xi Bo, a sede do governo de Tang, o Vitorioso (Cheng Tang), fundador da dinastia Shang e vencedor do último soberano dos Xia, o rei Jie. A construção monumental na terceira camada estratigráfica seriam os restos do palácio de Cheng Tang. Essa é a visão mais tradicional que têm os especialistas a respeito da sequência de Erlitou.¹⁵

Entretanto, o Prof. Zou Heng, da Universidade de Pequim, recolheu, no sítio de Erlitou, dentro dos limites urbanos da atual cidade de Zhengzhou, também na província de Henan, cacos de cerâmica nos quais se lê o ideograma Bo. Isso sugere que a capital de Tang, o Vitorioso, se teria na verdade localizado em Zhengzhou, onde a opinião ortodoxa situa não a primeira, mas a segunda capital Shang, a cidade de Ao. Em Zhengzhou, os restos arqueológicos revelaram uma cidade retangular, com perímetro total de 7.195 metros quadrados. "A imponência das muralhas mostra que a cidade era importante (. . .); na sua construção, estima-se que foram gastos 18 anos, com 10 mil trabalhadores ativos durante 330 dias por ano."¹⁶

Outro sítio importante no estudo dos Xia é o de Gaocheng, no distrito — capital para a arqueologia chinesa — de Dengfeng, também na província de Henan. Trata-se de uma aglomeração urbana, de considerável tamanho, que é vista como um burgo Xia. Nas proximidades existe uma cidadela da época dos Estados Combatentes (*Zhan Guo*) (—450 a —221), onde se acharam cacos de cerâmica que mostram a inscrição de dois caracteres: YANGCHENG. Ora, a

capital de Yu, o Grande, fundador dos Xia, chamava-se justamente Yangcheng (cf. Mengzi [—371? a —289?], filósofo do período Zhou: "Yu du Yangcheng" — "a capital de Yu era Yangsheng").

A oeste de Gaocheng, uma série de escavações realizadas em 1977 pelo Museu Provincial do Henan trouxe à luz, no sítio de Wangchenggang (Colina da Cidade Real), uma urbe de forma quadrangular, com área de cerca de 10 mil metros quadrados. Essa cidade localizava-se entre os rios Wudu e Yingshui, próximos das montanhas Song e Qi. A situação geográfica de Wangchenggang é a mesma que a tradição histórica atribui à capital dos Xia. A sequência arqueológica mostra, numa camada mais profunda, restos da cultura neolítica de Longshan. Por outro lado, Qi era o nome do filho de Yu, o Grande. A mãe de Qi, segundo a lenda, ter-se-ia transformado em rocha exatamente nesse local. Assim, outra vez a coincidência entre a tradição da China antiga e os achados arqueológicos sugerem que, em Gaocheng, poderíamos realmente estar diante da capital do primeiro soberano Xia.

Um terceiro sítio de fundamental importância nas pesquisas sobre os Xia é o de Dongxiafeng, na subprefeitura de Xia (Xiexian — mesmo ideograma do nome da dinastia), na província do Shanxi, na margem esquerda do rio Amarelo. Em 1974 realizaram-se escavações na colina de Mingdi, de 100 metros de comprimento, ao norte de Dongxiafeng, que revelaram uma aglomeração urbana de forma quase quadrangular, com área de cerca de 20 mil metros quadrados. Um fosso circundava a cidade. Os achados revelaram resíduos de bronze e pontas de flecha, também de bronze, ao lado de cerâmicas. Mingdi desenvolve sua estratigrafia em três camadas arqueológicas, das quais a primeira se identifica com a primeira camada de Erlitou, para os chineses inquestionavelmente Xia. Mas não foi possível realizar, em Dongxia-

feng, a ligação entre o provável horizonte cultural Xia e o neolítico Longshan. Este, que normalmente deve preceder aquele, existe apenas nas vizinhanças de Mingdi. O *Shiji* (*Memórias Históricas*), de Sima Qian, registra que o último soberano Xia, Jie, Rei de Perdição, fugiu para um lugar chamado Mingdi, quando perseguido por Tang, o Vitorioso, lá morrendo.

No estágio atual das investigações na República Popular Democrática da China já podemos formar um esboço do quadro de presença dos Xia dentro do conjunto arquitetônico da civilização chinesa:

— A dinastia Xia situou-se, no tempo, entre o neolítico de Longshan (—2000 anos) e a fase Erlitou da dinastia Shang (—1557). É possível que o final de Longshan tenha coincido com a fase inicial dos Xia. A área geográfica envolveu ambas as margens do rio Amarelo, concentrando-se na região oeste da província do Henan e na região sul do Shanxi. Trata-se, assim, do coração do Zhongyuan, a área nuclear da civilização chinesa.

— Os chineses sempre tiveram a certeza da existência da dinastia. Essa certeza parece fundamentar-se no inconsciente coletivo de todo o povo, o que teria estruturado a redação dos textos históricos e das lendas tradicionais. A arqueologia só tem confirmado esses textos: no suposto horizonte cultural dos Xia há uma série de vestígios materiais específicos que permitem distingui-los. Não há, assim, na China, dúvidas de que tal horizonte tenha existido, e só o que é problemático é estabelecer-lhe os limites temporais.

— A dinastia caracterizou-se por uma sociedade já escravagista, no contexto de um incipiente sistema patriarcal, em que o marido e o primogênito haviam derrubado o "governo despótico" (Engels) da esposa e da mãe, mas os vestígios do matriarcado ainda se percebem no grupo Xia.

— A Cultura Xia trabalhava o bronze, a pedra e a cerâmica, estabelecendo um marco de transição entre o neolítico e a Idade do Bronze dos chineses.

— Com os Xia, principiou o registro de toda uma Filosofia da História peculiar à China e que parece identificar-se com a instauração do sistema patriarcal: o governante era o modelo do ser humano perfeito, por ser um eficaz intermediário (entre macrocosmo e microcosmo) que garantia o sucesso da agricultura, verdadeira profissão de fé do grupo social chinês. Uma dinastia estabelecia-se por mérito (*gong*) do Rei-Fundador e extinguia-se pelos desmandos de um Rei de Perdição; nesse momento a Revolta era legítima (direito e dever) e impunha-se a derrubada da linhagem decadente. A julgar pelo *Shujing* (*Livro da História*), com os Xia alicerçou-se o pensamento de que a História é cíclica e a Eternidade, a contínua mutação.

— Segundo as autoridades do Museu

Provincial de Henan, é possível que a escrita pictográfica dos chineses date desse período, embora o fato ainda não tenha sido comprovado.

O trabalho arqueológico concernente aos Xia é muito intenso na República Popular Democrática da China. Uma dezena de sítios na província de Henan (além dos citados neste trabalho, há ainda os de Cuoli, Xiaopangou, Dongmagou, Wangwan e Sunqitun) são promissores quanto a grandes descobertas. No contexto de uma civilização monolítica e de vocação unitária, o presente compreende-se e o futuro constrói-se através da lúcida avaliação do passado. Por isso, os imensos museus da China, mais do que em qualquer outro país, representam centros onde se conscientiza, para os chineses, a Realidade da Civilização: as mudanças eficazes do sistema social exigem, primordialmente, que não haja ignorância a respeito de como tudo transcorreu.

NOTAS

1. Cf. Kwang-chih Chang, *The Archaeology of Ancient China* (New Haven e Londres: Yale, 1972, 3.^a ed.), p. 2.
2. Cf. Li Ji (Li Chi), *The Beginnings of Chinese Civilization* (Seattle: University of Washington Press, 1957), p. 4.
3. Sobre a sequência das três primeiras dinastias reais chinesas, cf. Ricardo Joppert, *O Alicerce Cultural da China* (Rio de Janeiro: Avenir, 1978).
4. Cf. Guo Moruo, *Zhongguo Shigao* (*Esboço da História da China*) (Beijing [Pequim]: Renmin, 1976), p. 32.
5. Cf. Ricardo Joppert, *op. cit.*, p. 45.
6. Cf. Ricardo Joppert, *op. cit.*, p. 210, e Bernhard Karlgren, *The Book of Odes* (Estocolmo: Museum of Far Eastern Antiquities, 1950), p. 60.
7. Cf. Ricardo Joppert, *op. cit.*, p. 49.
8. Cf. Guo Moruo, *op. cit.*, p. 132.
9. Cf. Guo Moruo, *op. cit.*, p. 132.
10. Cf. Edouard Chavannes, *Les Mémoires Historiques de Sseu-ma Ts'ien* (*Shiji*) (Paris: 1895 a 1905. Tomo I), p. 99 e ss.
11. Idem, *ib.*
12. Sobre os problemas da cronologia chinesa anterior a —841, cf. Ricardo Joppert, *op. cit.*, p. 41-2.
13. Cf. Guo Moruo, *op. cit.*, p. 142.
14. Guo Moruo, *op. cit.*, p. 142, onde cita o *Shiji*, de Sima Qian, cap. "Sunzi Wuqi Liezhuan".
15. Sequência por nós adotada em nosso trabalho *O Alicerce Cultural da China*.
16. Cf. Ricardo Joppert, *op. cit.*, p. 61.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Chang, Kwang-chih. *The Archaeology of Ancient China*. 3.^a ed. New Haven e Londres: Yale, 1972.
2. Chavannes, Edouard. *Les Mémoires Historiques de Sseu-ma Ts'ien*. Paris: de 1895 a 1905.
3. Cheng Te-Kun. *Prehistoric China*. Cambridge: W. Heffer and Sons, 1959.
4. ———. *Shang China*. Cambridge: W. Heffer and Sons, 1960.
5. ———. *Chou China*. Cambridge: W. Heffer and Sons, 1963.
6. Couvreur, Séraphin. *Chouking (Shujing) (Les Annales de la Chine)*. Paris: Cathasia, 1950.
7. Gernet, Jacques. *Le Monde Chinois*. Paris: Armand Colin, 1972.
8. Guo Moruo. *Zhongguo Shigao (Esboço da História da China)*. Beijing (Pequim): Renmin, 1976.
9. Joppert, Ricardo. *O Alicerce Cultural da China*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
10. Karlgren, Bernhard. *The Book of Odes (Shijing)*. Estocolmo: Museum of Far Eastern Antiquities, 1950.
11. Maspero, Henri. *La China Antique*. Paris: Imprimerie Nationale, 1955.
12. Song, Zhaolin et al. *Jianming Zhongguo Lishi Tuca (História Concisa e Ilustrada da China)*. Beijing (Pequim).

SUMMARY

This work discusses the possibility of proving, through archeological remains, the existence of the first royal Chinese dynasty, the House of Xia. In the west, it is still denied that such a proof is valid, however Chinese specialists in pre-history consider the material vestiges of the Xia are able to be distinguished from the cultural civilizations that preceded and succeeded them. This difference of opinion between the Chinese and the Westerners can be explained by a fundamental divergence in the method of thinking of life in the Orient and in the West: the monolithic civilization of China allowed the survival, within the collective unconscious of the Chinese, of an intrinsic knowledge of the past and the evolutionary sequence of Chinese civilization is a certainty that exists in the recesses of the mind; the traditional texts which speak of the Xia would be the counterpart of this.

Within a philosophical system that so admits Unity (Yi), the natural path is to lay the ground work in tradition to assimilate the material verification of the past. Archaeology and Ethnology have only confirmed texts such as the *Shujing* (*Book of History*), the *Shiji* (*Historical Memoirs*), the *Sima Qian*, the *Zhushu Jinian* (*Annals concerning Bamboo*), and the *Shuijing zhu* (*Explanation of the Classic of the Waters*). For the Chinese, there is no doubt that the Xia dynasty is not a legend; the problem is only to establish its temporal limits. The Xia dynasty has been situated in time between the Longshan neolithic (2000 years B.C.) and the Erlitou phase of the

Shang dynasty (1557 B.C.). Some believe, however, that the four strategic tiers at the Erlitou site, in the present province of Henan, pertain entirely to the cultural civilization of the Xia. In any case all have agreed the first two tiers of Erlitou are unquestionably Xia.

The Xia dynasty was characterized by a slave society within the context of an incipient patriarchal system, in which the husband and the first-born had defeated the "despotic government" (Engels) of the wife and of the mother. The matriarchy was, besides being the characteristic system of the Yangshao neolithic, the civilization which preceded Longshan, with its vestiges still perceptible on the Xia, who through their legends speak of the feminine ancestors of the founders of the dynasty.

The geographical area of the Xia involved both banks of the Yellow River, concentrated in the western region of the province of Henan and the south region of Shanghai. It takes in Zhongyuan, the nuclear area of Chinese civilization. In this region the most important sites for research are those of Erlitou, where in the third tier, the most ancient ruins of China's palace construction have been excavated; Gaocheng, where Yangchen, the capital of Yu, the Great, founder of the dynasty might have been situated; Dongxiafeng that can be identified as the place where the last Xia sovereign, King Jie died.

The Xia culture worked in bronze, stone and ceramics, establishing a mark of transition between the neolithic and the Bronze Age. The

ceramic objects had a black coloration, thick body, with little tempering, and showed the following specific motifs:

- Motif of Roosters and Orchids (*Lantiao wen*)
- Motif of the chessboard (*Frangge wen*)
- Motif of the fine cord (*Xisheng wen*).

The objects of the Xia frequently have three legs, interlinked or not by poles, characteristically leaf-shaped, that recall a trapezoidal figure (*Sanzu qi*). The Luodamiao site (*Xia tar8io*) is particularly rich in objects of this type.

With the Xia, was inaugurated the schema of a whole philosophy of history distinct to China that could be identified with the patriarchal system; the ruler was the model of the perfect

human, to be, an efficacious intermediary between the macrocosm and the microcosm, thereby guaranteeing the success of agriculture, the true profession of faith of the social Chinese group. By the so-called "Theory of the Celestial Mandate" (*Tianming*), a dynasty established by merit (*gong*), of an ancestral figure and extinguished by the insubordination of the king of perdition: at that moment popular revolt was not only a right, but a duty. To judge by the *Shujing*, with the Xia the thought that history is cyclical, and eternity continual mutation, was begun.

The museums of contemporary China insist upon clarifying for the people all in respect to the existence of the Xia. In a monolithic civilization and a unitary inclination, such as that of China, the present comprehends itself and the future constructs itself through a lucid evaluation of the past.

RÉSUMÉ

Ce travail traite de la possibilité de prouver, grâce à des preuves archéologiques, l'existence de la première dynastie royale chinoise, la Maison royale de Xia. En Occident, il est encore réfuté qu'une telle vérification soit possible, mais les spécialistes chinois en préhistoire considèrent que les vestiges des Xia peuvent être différenciés des matériaux culturels qui les précédèrent et succédèrent. Cette divergence d'opinion entre Chinois et occidentaux pourrait s'expliquer par une différence fondamentale de penser la vie en Orient et en Occident: la Civilisation Monolithique de la Chine a permis la survivance, dans l'inconscient collectif des Chinois, d'une connaissance intrinsèque du passé et la séquence évolutive de la Civilisation chinoise est une certitude cachée dans les recoins les plus profonds de l'esprit; les textes traditionnels qui parlent de Xia en seraient la contrepartie. A l'intérieur d'un système philosophique qui admet seulement l'Unité (Yi), le chemin naturel est de se fonder sur la tradition pour assimiler la vérification matérielle du passé. L'archéologie et l'ethnologie ont seulement authentifié des textes comme la *Shujing* (Livre de l'Histoire), le *Shiji* (Mémoires historiques) de Sima ian, les *Zhushu Jinian* (Annales sur le Bambu) et le *Shijing Zhu* (Explication du classique des Eaux). Pour les Chinois, il n'y a pas de doutes que la dynastie Xia n'est pas une légende; le problème est à peine d'établir les limites de la période. La dynastie Xia se serait située, dans le temps, entre le néolithique de Longshan (2.000 années

avant notre ère) et la phase Erlitou de la dynastie Shang (1.557 années avant notre ère). Certains croient, toutefois, que les quatre couches stratifiées du site d'Erlitou, dans l'actuel province de l'Henan, appartiendraient entièrement au patrimoine culturel des Xia. De toute manière, tous concordent que les deux premières couches d'Erlitou sont incontestablement Xia.

La dynastie Xia s'est caractérisée par une société esclavagiste, dans le contexte d'un système patriarcal à ses débuts, où le mari et le premier-né avaient déposé le "gouvernement despotique" (Engels) de l'épouse et de la mère. Le matriarcat avait été le système d'organisation sociale caractéristique du néolithique de Yangshao, qui précéda Longshan, mais dont les vestiges se perçoivent encore sous les Xia, à travers les légendes qui parlent des ancêtres féminins des fondateurs dynastiques.

Le domaine géographique des Xia comprendrait les deux marges du fleuve jaune, se concentrant dans la région Ouest de la province de l'Henan et dans la région Sud du Shanxi. Il s'agissait du Zhongyuan, l'aire centrale de la Civilisation chinoise.

Dans cette région, les sites importants pour la recherche sont ceux de l'Erlitou, où dans la troisième couche, furent mises à jour les ruines de la plus ancienne construction de palais de la Chine; ceux de Gaocheng, où l'on pourrait situer Yangcheng, la capitale de Yu le Grand, fondateur de la dynastie et Dongxiafeng qui pourrait s'identifier

comme le lieu où mourrut le dernier souverain Xia, le Roi Jie.

La civilisation Xia travaillait le bronze, la pierre et la céramique, établissant une transtion entre le néolithique et l'Age du bronze. Les objets de céramique ont une coloration noire, une structure épaisse, peu cuits et présentent les motifs spécifique suivants:

- Motif de branches d'orchidée (Lantiao Wen);
- Motif d'échiquier (Fangge Wen);
- Motif de corde fine (Xisheng Wen).

Les objets des Xia auraient fréquemment trois pieds, reliés entre-eux ou non par des traverses qui ont la forme de feuilles et qui rappellent une figure trapézoïdale (Sanzu qi). Le site de Luodamiao est particulièrement riche en objets de ce type.

Avec les Xia commença l'enregistrement de

toute une philosophie de l'histoire particulière à la Chine et qui semble s'identifier avec le système patriarcal où le gouvernant était le modèle de l'être humain parfait, pour être un efficace intermédiaire entre le Macrocosme et le Microcosme, garantissant ainsi le succès de l'agriculture, véritable profession de foi du groupe social chinois. Par la dénommée théorie du Mandat Céleste (Tianming) une dynastie s'établissait par mérite (Gong) et s'éteignait par les désobéissances d'un Roi en Perdition: à ce moment la révolte populaire était non seulement un *droit* mais un *devoir*. A juger par le Shujing, il s'est fondé avec les Xia la pensée que l'histoire est cyclique et l'Eternité en mutation continue.

Les musées de la Chine contemporaine s'efforcent à donner au peuple un éclairage sur l'existence des Xia. Dans une Civilisation monolithique et de vocation unitaire, comme est celle de la Chine, le présent se comprend et le futur se construit à travers une lucide évaluation du passé.